

**DIANTE
DE GAIA
OITO CONFERÊNCIAS
SOBRE A NATUREZA
NO ANTROPOCENO
BRUNO
LATOUR**

**TRADUÇÃO
MARYALUA MEYER**

**REVISÃO TÉCNICA
ANDRÉ MAGNELLI**

Para Ulysse e Maya.

Para toda a trupe, cena e coxia, de Gaia Global Circus.

9	<i>Prefácio à edição brasileira</i>
15	INTRODUÇÃO
	PRIMEIRA CONFERÊNCIA
23	Sobre a instabilidade da (noção de) natureza
	SEGUNDA CONFERÊNCIA
75	Como não (des)animar a natureza
	TERCEIRA CONFERÊNCIA
127	Gaia: uma figura (enfim profana) da natureza
	QUARTA CONFERÊNCIA
182	O Antropoceno e a destruição (da imagem) do Globo
	QUINTA CONFERÊNCIA
235	Como convocar os diferentes povos (da natureza)?
	SEXTA CONFERÊNCIA
291	Como (não) terminar com o fim dos tempos?
	SÉTIMA CONFERÊNCIA
345	Os Estados (da Natureza) entre guerra e paz
	OITAVA CONFERÊNCIA
399	Como governar os territórios (naturais) em luta?
453	<i>Bibliografia</i>
473	<i>Índice onomástico</i>
477	<i>Sobre o autor</i>

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

É um tanto aterrorizante publicar o livro *Diante de Gaia* no Brasil, em meio a uma crise moral, política, sanitária, ecológica e religiosa de tamanha proporção. Parece que este livro chega no meio daquilo que os meteorologistas chamam de “tempestade perfeita”, isto é, a sobreposição de todas as crises ao mesmo tempo.

Quando me convidaram, em 2013, para proferir as Gifford Lectures em Edimburgo – as quais deram origem a este livro –, era para essa tempestade perfeita que eu me preparava, mas não pensei que a aceleração da história tornaria sua chegada tão próxima, tão violenta e tão radical. Parecia claro, contudo, que os sistemas político, legal e moral não suportariam uma crise ecológica assim. O Brasil dá hoje uma prova dolorosa disso: uma vida política inteiramente conduzida para *denegar* a crise ecológica e sanitária, evitando, assim, seu enfrentamento.

Era previsível, já em 2013, que a discrepância entre os hábitos adquiridos durante o período de modernização e os novos hábitos a serem criados para a mutação daquilo que chamo no livro de o Novo Regime Climático colocaria todos os países diante de uma escolha existencial: manter a modernização apesar de tudo; cambalear rumo a uma mudança ecológica, por mais dolorosa que seja; ou ainda negar a situação e fugir, em um escapismo cada vez mais descabido.

Sabemos agora, por inúmeros estudos históricos, que essa fuga das condições impostas pela terra começou nos anos

1990, com o início do chamado *ceticismo climático*. Mas, muito rapidamente, essa negação das condições futuras do desenvolvimento se metastizou em uma negação de todo o conhecimento empírico e, depois, de absurdo em absurdo, em um abandono progressivo de qualquer regra de bom governo. À medida que o mundo no qual os países se situam se distancia desse outro mundo que cada país explora para viver, a solução escapista, por mais insana que seja, por mais destrutiva que seja, infelizmente faz sentido.

Sobretudo se essa atitude escapista for reforçada por um desvio da religião cristã, que se tornou uma fuga do mundo e um abandono de todos aqueles que podem ser “deixados para trás” (*left behind*) de acordo com princípios pouco evangélicos das que ainda ousam se autoproclamar *igrejas evangélicas*. Esse abandono do mundo material vivo e dos seres humanos excedentes, cruelmente enfatizado pela gestão da crise sanitária atual, é o assunto deste livro, uma vez que a visão gnóstica dos Modernos recentemente se alastrou em um escapismo levado ao limite, aliado ao mais desesperado extrativismo. Uma forma de atitude à la Nero: deixe a civilização perecer enquanto Roma queima, ou melhor, enquanto a floresta queima. Ou para retomar uma expressão terrível das Cruzadas contra os cátaros: “Matem todos, Deus reconhecerá os seus”.

No entanto, é no meio destas ruínas, nesta guerra multiforme, que devemos enfrentar Gaia. Gaia não é a natureza virgem. Não é a deusa-mãe. Ela não é mãe de coisa nenhuma. Não é sequer um todo, um existente global. É simplesmente a consequência das sucessivas invenções dos viventes que acabaram transformando completamente as condições físico-químicas da terra geológica inicial. Hoje, cada elemento do solo, do

ar, do mar e dos rios resulta, em grande medida, de modificações, criações e invenções de organismos vivos. Gaia são todos os seres vivos e as transformações materiais que eles submetem à geologia, desviando a energia do sol para benefício próprio. É nessa rede, nessas trajetórias de seres vivos, que alguns desses viventes – os viventes que somos, que se proclamam humanos, ou seja, pessoas feitas de terra, de húmus, de lama e de cinzas – encontram-se irreversivelmente emaranhados. Ou mantemos as condições que tornam a vida habitável para todos os que chamo de terrestres, ou então não merecemos continuar vivendo. É essa a escolha que obriga a nos posicionarmos “diante de Gaia”.

Bruno Latour, 25 de maio de 2020.

A terra é denominada, na linguagem mítica, a mãe do direito [...]. É isso que tem em mente o poeta quando fala da terra plenamente justa e diz: justissima tellus.

Carl Schmitt, O nomos da Terra

*Não é mais a política tout court,
é a política climática que é o destino.*

Peter Sloterdijk, Esferas II

*Eu esperaria mais ver uma cabra ocupando com sucesso
um trabalho de jardineiro do que ver os humanos se
tornarem comissários responsáveis da Terra.*

James Lovelock, Gaia: a prática científica da medicina planetar

A Natureza é apenas o nome para excesso.

William James, A Pluralistic Universe

INTRODUÇÃO

Tudo começou com a imagem de um movimento de dança a que assisti, há dez anos, e da qual não consegui me livrar. Uma dançarina, correndo de costas para escapar de algo que devia lhe parecer assustador, não parava de olhar para trás, sempre mais inquieta, como se sua fuga acumulasse a suas costas obstáculos que constrangiam cada vez mais seus movimentos, até que ela foi impelida a se virar por completo; e aí, suspensa, imóvel, com os braços pensos, ela via, vindo em sua direção, algo ainda mais assustador do que aquilo de que fugia – a ponto de forçá-la a ensaiar um gesto de recuo. Ao fugir de um horror, ela encontrava outro, em parte criado por sua fuga.

Fiquei convencido de que essa dança expressava o espírito do tempo; de que ela resumia, em uma única situação, muito perturbadora para mim, aquilo de que os modernos haviam inicialmente fugido – o arcaico horror do passado – e aquilo que eles devem enfrentar hoje, que é a irrupção de uma figura enigmática, fonte de um horror que se encontrava diante de nós, e não mais às nossas costas. É a irrupção desse monstro, meio ciclone, meio Leviatã, que registrei a princípio com um nome bizarro: “Cosmocosso”.¹

¹ Ver Bruno Latour, *Kosmokoloss* (2013), transmissão de rádio na Alemanha. O texto da peça, bem como a maioria de meus artigos aqui citados, está disponível em versões finais ou provisórias em www.bruno-latour.fr. Todas



Stéphanie Ganachaud em *The Angel of Geostory*.

De imediato ela se fundiu na minha cabeça com outra figura muito controversa sobre a qual eu havia meditado ao ler James Lovelock: Gaia. Aí não tive escapatória: precisava compreender o que chegava a mim sob a forma muito angustiante de uma força ao mesmo tempo mítica, científica, política e, provavelmente, religiosa.

Como não conhecia nada de dança, demorei alguns anos até encontrar em Stéphanie Ganachaud a intérprete ideal desse breve movimento.² Nesse ínterim, sem saber que fim dar a essa obsessiva figura do Cosmocosso, convenci alguns amigos próximos a montar uma peça de teatro, que veio a ser a *Gaia Global Circus*.³ Foi então, por meio dessas coincidências que não deve-

as referências abreviadas nas notas aparecem completas na bibliografia no final deste volume.

² Interpretado em 12 de fevereiro de 2013, filmado por Jonathan Michel e disponível em vimeo.com/60064456.

³ Trabalho coletivo iniciado na primavera de 2010, com direção de Chloé Latour e Frédérique Aït-Touati. Pierre Daubigny escreveu o texto *Gaia Global*

riam surpreender aqueles que perseguem uma obsessão, que o comitê das Gifford Lectures me convidou a ministrar, em 2013, em Edimburgo, um ciclo de seis conferências com o tema – ele também bem enigmático – “religião natural”. Como resistir a uma oferta que William James, Alfred North Whitehead, John Dewey, Henri Bergson, Hannah Arendt e muitos outros haviam aceitado?⁴ Não era essa a oportunidade ideal para desenvolver os argumentos de início explorados pela dança e pelo teatro? Pelo menos essa mídia não me era muito estranha. Ainda mais porque eu havia acabado de escrever uma investigação sobre os modos de existência, um estudo que se mostrou sob forte influência de Gaia.⁵ São essas conferências, remanejadas, amplificadas e completamente reescritas, que reuni neste livro.

Se as publico conservando o gênero, o estilo e o tom em que foram proferidas, é porque a antropologia dos Modernos que busco há quarenta anos encontra cada vez mais ressonância no que se pode chamar de “Novo Regime Climático”.⁶ Com esse termo sintetizo a situação presente, na qual o quadro físico que

Circus, que estreou em Toulouse em outubro de 2013 no La Novela, festival que celebra novos conhecimentos e cultura.

⁴ As seis conferências estão disponíveis em vídeo no site das Gifford Lectures da Universidade de Edimburgo e em formato de texto no meu site: “Facing Gaia: A New Enquiry into Natural Religion”, www.ed.ac.uk/arts-humanities-soc-sci/news-events/lectures/gifford-lectures/archive/series-2012-2013/bruno-latour; “Facing Gaia: Six Lectures on Natural Religion”, www.bruno-latour.fr/node/700. Sobre a história dessas conferências e do domínio da “religião natural”, bastante enigmático aos olhos dos franceses, ver Larry Witham, *The Measure of God* (2005).

⁵ B. Latour, *Investigação sobre os modos de existência: Uma antropologia dos modernos* [2012].

⁶ A expressão “regime climático” deriva do termo introduzido por Stefan Aykut e Amy Dahan em *Gouverner le Climat?: Vingt ans de négociation climatique* (2015) para designar uma forma muito particular, e, segundo eles, não

os Modernos haviam considerado líquido e certo, o solo sobre o qual sua história sempre se desenrolara, tornou-se instável. Como se o cenário tivesse subido ao palco para compartilhar a trama com os atores. A partir desse momento, tudo muda no modo de contar histórias, a ponto de incluir na política o que antigamente pertencia à natureza – figura que, por tabela, se torna um enigma cada dia mais indecifrável.

Há anos meus colegas e eu tentamos absorver essa entrada da natureza e das ciências na política; desenvolvemos vários métodos para seguir, e mesmo cartografar, as controvérsias ecológicas. Mas esses trabalhos especializados jamais chegaram a abalar as certezas de todos que continuaram a imaginar um mundo social sem objetos em confronto com um mundo natural sem seres humanos – e sem cientistas para conhecê-lo. Enquanto nos esforçávamos para desatar alguns dos nós da epistemologia e da sociologia, todo o edifício que havia distribuído suas funções estava caindo por terra – ou melhor, estava recaído, literalmente, sobre a Terra. Enquanto ainda discutíamos os laços possíveis entre humanos e não humanos, o papel dos cientistas na produção da objetividade, a importância eventual das futuras gerações, os próprios cientistas multiplicavam as invenções para falar da mesma coisa, mas em uma escala completamente diferente: o “Antropoceno”, a “grande aceleração”, os “limites planetários”, a “geo-história”, os “*tipping points*” [pontos de inflexão], as “zonas críticas” – todos esses termos surpreendentes que vamos encontrar ao longo deste livro –, com o intuito de compreender esta Terra que parece reagir a nossas ações.

muito eficaz, de “governar o clima”, como se o CO₂ fosse um caso similar ao da poluição. Esse trabalho tem um papel importante neste livro.

Minha disciplina de origem – a sociologia, ou melhor, a antropologia das ciências – encontra-se hoje reforçada pela evidência amplamente compartilhada de que a antiga constituição, que repartia os poderes entre ciência e política, tornou-se obsoleta. Como se tivéssemos justamente passado de um Antigo Regime para um Novo Regime, marcado pela irrupção multiforme da questão *dos climas* e, o que é ainda mais estranho, do liame desses climas com o *governo*. Estou usando essas expressões em seu sentido mais amplo, que os historiadores da geografia não utilizam mais senão na “teoria dos climas” de Montesquieu, há muito em desuso. De forma brusca, todo mundo pressente que outro *Espírito das leis da natureza* está em vias de emergir e que é melhor começar a redigi-lo se quisermos sobreviver às potências desencadeadas por esse Novo Regime. O presente volume procura contribuir para esse trabalho coletivo de exploração.

Gaia é apresentada aqui como a oportunidade para um retorno à Terra que permite uma versão diferenciada das qualidades específicas que podem ser exigidas das ciências, das políticas e das religiões, todas por fim reduzidas a definições mais modestas e mais terrestres que suas antigas vocações. As conferências vão em pares: as duas primeiras tratam da noção de *potência de agir* – para traduzir o inglês *agency* –, operador indispensável para permitir as trocas entre domínios e disciplinas até aqui distintos; as duas seguintes introduzem os protagonistas – *Gaia*, antes de tudo; o *Antropoceno*, em seguida; a quinta e a sexta conferências definem quais povos estão em luta para a ocupação da Terra e a época em que eles se encontram; as duas últimas exploram a questão geopolítica dos territórios em luta.

O público potencial de um livro é ainda mais difícil de delinear do que a plateia de uma conferência, mas, como de fato

entramos em um período da história ao mesmo tempo geológico e humano, eu gostaria de me dirigir a leitores com competências diversas. É impossível compreender o que nos ocorre sem passar pelas ciências – antes de tudo, foram elas que nos alertaram. No entanto, para compreendê-las, é impossível continuar com a imagem dada pela antiga epistemologia – de agora em diante, as ciências se encontram tão misturadas com toda a cultura que sua compreensão passa pelas humanidades. Daí um estilo híbrido para um tema híbrido endereçado a um público, ele também, forçosamente híbrido.

Se os escritores podem se vangloriar de que os leitores são os mesmos da primeira à última página do livro, e que eles farão seu aprendizado capítulo a capítulo, o mesmo não pode ser dito dos conferencistas, que a cada vez devem se dirigir a um público em parte diferente. É por isso que cada uma das oito conferências pode ser lida independentemente das demais e na ordem que preferirem – os comentários mais especializados foram deslocados para as notas.

—

Devo agradecimentos a muitas pessoas, é difícil nomeá-las todas. É nas referências bibliográficas que tento reconhecer minhas dívidas.

Todavia, seria injusto não citar, antes de mais nada, os membros do comitê das Gifford Lectures, que me permitiram abordar o tema “religião natural”, sem esquecer o auditório da Sala Santa Cecília durante essas seis maravilhosas jornadas de fevereiro de 2013, na ensolarada Edimburgo.

Devo a Isabelle Stengers meu interesse pela intrusão de Gaia; e, como de costume, foi pedindo ajuda a Simon Schaffer que tentei me desembaraçar da personagem impossível de Gaia, comparti-

lhando minhas angústias com Clive Hamilton, Dipesh Chakrabarty, Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro, Donna Haraway, Bronislaw Szersynski e muitos outros colegas.

Mas gostaria de agradecer em especial a Jérôme Gaillardet e Jan Zalasiewicz, que me confirmaram a existência, desde o Antropoceno, de um solo comum para as ciências naturais e as humanidades, digamos, uma *zona crítica* que todos nós compartilhamos.

Devo evidentemente muito mais do que se imagina aos estudantes que conceberam e realizaram o “teatro de negociações”, no Théâtre des Amandiers, em Nanterre, em maio de 2015, assim como aos criadores da exposição *Anthropocène Monument*, em Abattoirs, Toulouse, em outubro de 2014, e aos alunos do curso “Filosofia política da natureza”.

Por fim, sou grato a Philippe Pignarre, cujo trabalho editorial me acompanha há muito tempo. Acho que ele nunca publicou um livro que fizesse referência tão direta ao nome de sua coleção: uma vez que Gaia não é de todo global – ao contrário do que se pensa com muita frequência –, ela é inquestionavelmente a grande *encrenqueira* do pensamento circular⁷... um forte ímpeto para pensar fora da caixa...⁸

7 Les Empêcheurs de Penser en Rond é o nome do selo editorial de Philippe Pignarre. A expressão “opositores ao pensamento circular” é usada em francês para caracterizar “desmancha-prazeres”. [N. T.]

8 A importantíssima tese de doutorado de Sébastien Dutreuil *Gaïa: Hypothèse, programme de recherche our le système terre, ou philosophie de la nature?*, defendida em 2016 na Universidade de Paris I, foi concluída tarde demais para que eu pudesse me servir dela. Uma vez publicada, renovará significativamente a história de Lovelock e Gaia e seu lugar na Ciência da Terra.

SOBRE O AUTOR

Bruno Latour nasceu em Beaune, na França, em 1947. Doutor em filosofia pela Université de Tours e em antropologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, fez trabalho de campo na Costa do Marfim e na Califórnia. Atuou como professor na University of California, em San Diego (de 1989 a 1991), no Centre de Sociologie de L'Innovation da École Nationale Supérieure des Mines (de 1991 a 2006) e na Sciences Po (de 2006 a 2012), ambas em Paris. É professor convidado na Cornell University, de Nova York, professor emérito da Sciences Po, *fellow* do Zentrum für Kunst und Medien (ZKM) e professor convidado na Staatliche Hochschule für Gestaltung (HfG), ambos em Karlsruhe, na Alemanha. Em 2009, fundou o Médialab, laboratório interdisciplinar que une ciências, arte, política e tecnologia. Em 2013, recebeu o Holberg, um dos prêmios mais relevantes na área das ciências humanas. Foi um dos curadores da Bienal de Taipei (2010) e curador das exposições *ICONOCLASH – Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art* (2002), *Making Things Public – Atmospheres of Democracy* (2005), *Reset Modernity!* (2016) e *Critical Zones* (2020), todas no ZKM. Publicou, entre outros, *Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia* (1999), *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede* (2005) e *Investigação sobre os modos de existência* (2012).

COLEÇÃO EXIT Como pensar as questões do século XXI?

A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

LEIA TAMBÉM

24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono

Jonathan Crary

Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano

Christian Dunker

Os pecados secretos da economia

Deirdre McCloskey

Esperando Foucault, ainda

Marshall Sahlins

Desobedecer

Frédéric Gros

Big Tech – a ascensão dos dados e a morte da política

Evgeny Morozov

Depois do futuro

Franco Berardi

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la publication de l'Institut Français.

Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.

**INSTITUT
FRANÇAIS**



Título original:

Face à Gaïa: Huit conférences sur le nouveau régime climatique

© Editions La Découverte, Paris, 2015

Esta tradução se baseou no original francês (Découverte, 2015) e na edição em inglês *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime* (Polity, 2017), com acréscimos do autor. Os editores agradecem a leitura crítica e as sugestões de Alyne Costa, Carlos Estellita Lins, Lucas Faial Soneghet, Rafael Damasceno e Stelio Marras.

© Ubu Editora, 2020

tradução © Ateliê de Humanidades Editorial, 2020

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Edição MARIA EMÍLIA BENDER

Assistentes editoriais ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Preparação CACILDA GUERRA

Revisão MICHELE SUDOH, ORLINDA TERUYA e CLÁUDIA CANTARIN

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica MARINA AMBRASAS

Comercial LUCIANA MAZOLINI

Assistente comercial ANNA FOURNIER

Gestão site / Circuito Ubu BEATRIZ LOURENÇÃO

Criação de conteúdo / Circuito Ubu MARIA CHIARETTI

Assistente de comunicação JÚLIA FRANÇA

ATELIÊ DE HUMANIDADES EDITORIAL

Coordenação editorial ANDRÉ MAGNELLI

e ALBERTO LUIS CORDEIRO DE FARIAS

Projeto editorial e revisão técnica ANDRÉ MAGNELLI

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Odílio Hilario Moreira Junior – CRB 8/9949

Latour, Bruno [1947-]

Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno / Bruno Latour; título original: *Face à Gaïa: Huit conférences sur le nouveau régime climatique*; traduzido por Maryalua Meyer; revisão técnica de André Magnelli; orelha Stelio Marras. Inclui índice. São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020. 480 pp. / Coleção Exit ISBN 978 65 86497 06 9

1. Ecologia. 2. Planeta Terra. 3. Antropoceno. 4. Crise ecológica. I. Meyer, Maryalua. II. Título.

2020-992

CDD 577 CDU 574

Índice para catálogo sistemático:

1. Ecologia 577 2. Ecologia 574

ATELIÊ DE HUMANIDADES

Rua Juparanã, 63, casa 03

Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP 20541-135

www.ateliedehumanidades.com

ateliedehumanidades@gmail.com

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275 ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora

FONTES Edita e Nocturno

PAPEL Alta alvura 90 g/m²

IMPRESSÃO Maistype